

---

## **Cartografia da controvérsia e comunicação cidadã: uma experimentação metodológica para investigação da articulação social em torno do direito à cidade<sup>1</sup>**

Laura Buarque Cortizo<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **Resumo**

O presente artigo aborda as possibilidades metodológicas oferecidas pela cartografia da controvérsia e, em desdobramento, pela análise visual de redes na exploração de fenômenos sociais, notadamente agenciamentos da articulação cidadã em torno de direitos. Partindo da Teoria Ator-rede, postulada por Bruno Latour e desdobrada por Tommaso Venturini, analisamos as redes da controvérsia no bairro das Graças, no Recife, em que dois projetos com propostas divergentes estiveram em disputa. Transitamos em um cenário de embate entre a sociedade civil e o poder público representados por atores humanos e não humanos. Nesse cenário, diferentes plataformas comunicacionais são as coordenadas por meio das quais desenharemos o mapa da controvérsia.

### **Palavras-chave**

Cartografia da controvérsia; teoria ator-rede; análise visual de redes; direito à cidade; articulação social.

### **1. Introdução**

Em todo o mundo e no Brasil mais fortemente na segunda década deste novo século, os movimentos sociais que de alguma forma estão ligados à luta pelo direito à cidade sofrem uma profunda transformação impulsionada pelas especificidades da cibercultura. Tendo as redes sociais como destaque, a revolução digital do novo século engendra outras formas de ativismo, bem como de articulação de informação e conhecimento. Nesse contexto, em que o modelo de urbanização adotado no século XX vem se provando inadequado, as manifestações sociais se intensificam e as redes sociais digitais se consolidam como espaços de propagação de informação e organização tática, faz-se necessário renovar a leitura crítica desses fenômenos por meio de novas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e cidadania, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). E-mail: [laurabcortizo@gmail.com](mailto:laurabcortizo@gmail.com)

---

ferramentas metodológicas, de forma a explorar aspectos ainda não alcançados nos tradicionais estudos das ciências sociais aplicadas.

Partindo desse anseio por novos campos metodológicos e tomando como caso de estudo a disputa sobre a produção de espaço urbano na cidade do Recife, encontramos respaldo na Teoria Ator-Rede, postulada pelo sociólogo francês Bruno Latour, e seus desdobramentos metodológicos consolidados na cartografia da controvérsia e na análise visual de redes, desenvolvidas por teóricos como Tommaso Venturini. Além disso, exploramos novas ferramentas de visualização de dados, como o Gephi.

No presente trabalho, mobilizamos esses novos caminhos metodológicos para analisar a controvérsia em torno de projetos urbanos divergentes para um trecho de margem do Rio Capibaribe (a Beira Rio das Graças), bem como a rede de (anti)disciplina e táticas formada pelos atores-rede a partir do desejo de determinar o futuro do bairro. Para isso, nos propomos a identificar os agenciamentos enquanto práticas relacionais orgânicas, recorrendo a Latour, que assume explicitamente a ideia de rizoma de Deleuze e Guatarri como referência para postular o conceito de rede “enquanto campo tensional de forças heterogêneas, conjugando assim a diferença em sua multiplicidade” (TURINO, 2008, p. 33). O autor postula a Teoria Ator-Rede (TAR) em que o “ator” “não é a fonte de um ato, mas o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (LATOURE, 2012, p. 75). Como ponto de partida para a nossa análise, vale destacar dois pontos fundamentais da TAR: o fato de que os atores-rede podem ser humanos ou não humanos e a crítica a um entendimento de indivíduo atomizado fazendo parte de um organismo social superior dissociado (para a TAR não há separação entre interação e estruturas). A ênfase está, portanto, no campo tensional que só é possível pela multiplicidade de pessoas, coisas, processos, interações, fatos, tudo o que faz um outro ente agir, modificando e interferindo no todo.

A TAR é interessante, pois ela busca identificar justamente as associações entre atores, vistos como mediadores ou intermediários, destacando as redes que se formam com a circulação da ação entre eles, entendendo as estabilizações, ou caixas-pretas que daí se formam como algo momentâneo (LEMOS, 2014).

A TAR é, dessa forma, a base teórica, o ponto de partida para a cartografia da controvérsia, que se desdobra em conjunto de métodos cujo objetivo é construir mapas – aqui destacamos o aspecto visual – dos campos tensionais a serem analisados.

---

## 2. Cartografando controvérsias urbanas

Para entender o impasse em torno do projeto para a margem do rio Capibaribe no bairro das Graças, portanto, operacionalizamos a cartografia da controvérsia para realizar um decalque desse mapa de relações, ao menos uma amostra dele, esperando acessar e analisar a cidade em sua natureza rizomática. A operacionalização da cartografia

(...) visa traçar um plano que, ao seguir a fala dos atores, tem como objetivo perceber os movimentos de territorialização e desterritorialização produzidos a partir da multiplicidade de agenciamentos e dispositivos que são ativados na produção de subjetividades (TURINO, 2008, p. 38).

O termo controvérsia aqui deve ser entendido como uma situação em que os atores discordam, assumem e enxergam essa discordância (VENTURINI, 2010). “A palavra ‘controvérsia’ refere-se aqui a todo pedaço de ciência e tecnologia ainda não estabilizado, fechado ou encarado como ‘caixa preta’... nós o utilizamos como um termo genérico para descrever *incerteza partilhada*” (MACOSPOL, 2007 apud VENTURINI, 2010, p. 260, ênfase no original, tradução nossa)<sup>3</sup>. Assim, ao tomarmos a cidade como chão de complexas tensões do mundo contemporâneo, apostamos no método baseado no pensamento Latour, para quem a controvérsia é uma das situações que ampliam a visibilidade dos fenômenos (LATOURE, 2012).

O mapa não é o território (observado) nem deveria ser. Isso é especialmente verdadeiro para a cartografia da controvérsia. (...) Para serem úteis, mapas sociais devem ser menos confusos e complicados que disputas coletivas. (...) Mas como descrições simples se encaixam em observações complexas? (VENTURINI, 2012, s/p, tradução nossa)<sup>4</sup>

O primeiro e fundamental passo nesse processo é identificar os atores-rede, bem como quais são e de onde vêm as tensões que criam a rede de controvérsia, como um reconhecimento de terreno, a identificação de uma malha. “A primeira tarefa da cartografia social é mapear essa rede de referências, revelando como discursos dispersos são tecidos em literaturas” (VENTURINI, 2010, p. 266, tradução nossa)<sup>5</sup>. Uma vez

---

<sup>3</sup> “The word ‘controversy’ refers here to every bit of science and technology which is not yet stabilized, closed or ‘black boxed’ ... we use it as a general term to describe *shared uncertainty*” (MACOSPOL, 2007 apud VENTURINI, 2010, p. 260, ênfase no original).

<sup>4</sup> The map is not the (observed) territory neither should it be. This is especially true for controversies mapping. (...) To be of any use, social maps have to be less confuse and convoluted than collective disputes. (...) But how simple descriptions fit complex observations? (VENTURINI, 2012, s/p).

<sup>5</sup> “The first task of social cartography is to map this web of references, revealing how dispersed discourses are woven into articulated literatures” (VENTURINI, 2010, p. 266).

identificada a extensão dessa arena, deve-se concentrar em entender como as conexões operam na construção daquele “tecido” específico de relações, identificar as dinâmicas e as associações dos atores no decorrer do fenômeno. É importante deixar claro, que os caminhos utilizados para o levantamento desses dados e relatos das conexões e associações constitutivas da rede são variados – assim como a forma de representá-los e interpretá-los – não há protocolo metodológico previamente definido pela cartografia da controvérsia. Uma vez que partimos da premissa de que os atores-rede são autônomos na tessitura dessa rede, são eles também que nos vão indicar quais são as melhores ferramentas a serem acionadas diante da controvérsia. “Ao contrário, ao não impor qualquer filosofia ou procedimentos específicos, a cartografia da controvérsia convida pesquisadores a usar toda ferramenta de observação que estiver ao seu alcance, como também a misturá-las sem restrições” (VENTURINI, 2010, p. 259, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Nesse processo de exploração, nem todas as linhas atraem o olhar do pesquisador com a mesma intensidade, pois também no rizoma há forças de hierarquização essenciais. Cabe ao observador identificar pontos nodais relevantes à interpretação do fenômeno.

Não afirmamos aqui que determinados nós da rede sejam mais relevantes do que outros, mas apenas que ganham relevância e funcionam como pontos estratégicos por onde os fluxos informacionais passam. Na medida em que a própria rede opera, estes fluxos se deslocam e novos agentes emergem. Com isso, a origem geográfica ou social dos agentes é secundarizada diante da relevância que as redes lhe atribuem. O *status* de um agente na rede não depende (apenas) disso, depende de como ele se comporta em relação aos demais. (FIGUEIREDO, 2015, p. 104)

É essa noção que nos autoriza, por exemplo, a voltar nossa atenção mais especificamente para a Associação Por Amor às Graças ao emprendermos a leitura da nossa rede, detalhada a seguir. Nesse sentido, é importante trazer a perspectiva de uma objetividade que não é conquistada pela imparcialidade do observador, mas exatamente pelo maior número de parcialidades reveladas pelo maior número de atores, sempre atentando para o peso que cada ator representa para a rede.

### 3. Comunicação, articulação e cidade: o caso das Graças

---

<sup>6</sup> “On the contrary, not imposing any specific philosophy or procedures, the cartography of controversies invites scholars to use every observation tool at hand, as well as mixing them without restraint.” (VENTURINI, 2010, p. 259)

---

Ao longo de mais de cinco anos, um grupo de moradores do bairro das Graças (Zona Norte do Recife) reunido na Associação por Amor às Graças, se articulou via redes sociais digitais, promoveu eventos, solicitou audiências com os órgãos envolvidos no projeto, viabilizou reuniões com a vizinhança, interagiu com a imprensa e ocupou espaços estratégicos, agenciando relações em rede para garantir um uso do espaço público do bairro diferente daquele inicialmente proposto pelo poder público municipal. Tudo isso em meio a agenciamentos outros por parte de todos os atores-redes da controvérsia.

Como costuma ocorrer em casos que envolvem a participação da sociedade civil e a produção do espaço público, a trajetória foi longa e intrincada, envolvendo diversos agentes em disputas de poder, argumentação, busca por consenso, ajustes técnicos e articulação. O resultado foi a desistência da Prefeitura do Recife de construir uma Via Expressa com quatro faixas de rolamento no trecho entre as pontes da Torre e da Capunga e a substituição por projeto com as premissas do Parque Capibaribe, também elaborado pela Prefeitura e que apresentava uma proposta de via compartilhada, com apenas uma faixa para carros com extensão e velocidade reduzidas, priorização do pedestre, dentro de um conceito de integração entre a natureza e o espaço construído – essa última versão debatida e aprovada pelos moradores da área. Um desfecho avaliado como positivo, sobretudo, para os moradores que se engajaram na decisão, mas também, posteriormente, elogiado por outros atores envolvidos, incluindo prefeito e secretários.

Com o presente trabalho pretendemos evidenciar como a operacionalização metodológica da cartografia da controvérsia, ao possibilitar a visualização dos dados<sup>7</sup> e da dinâmica da rede, abre caminho para um novo entendimento do fenômeno da participação social na produção de espaço urbano. Lembrando sempre que a mobilização popular em torno da produção do espaço urbano nas Graças não está isolada, mas faz parte de um contexto maior de movimentos sociais urbanos que lutam para serem ouvidos nos processos de tomadas de decisões que impactam as cidades e os grupos sociais.

Os agenciamentos realizados pelo grupo das Graças por meio dos mais diferentes contextos comunicacionais, expressam o exercício da cidadania, “associada (nem sempre de maneira explícita) ao direito a ser incluído, direito a ter direitos, direito à comunicação,

---

<sup>7</sup> Os dados levantados, bem como sua sistematização em matrizes para a elaboração dos grafos podem ser conferidos na dissertação “Cartografando Controvérsias Urbanas: o Parque Capibaribe, o bairro das Graças e o exercício do direito à cidade no Recife”, de autoria de Laura Cortizo como trabalho para obtenção do título de mestre.

direitos individuais, de minorias, sociais, civis, políticos”, conforme resume Bruno Fuser (LAHNI e LACERDA, 2013, p. 9). Neste artigo, destacamos o exercício da cidadania por meio da luta pelo direito à cidade – não o direito de estar ou não na cidade ou de consumi-la através de serviços, mas principalmente o direito de se reconhecer enquanto ator na construção desse espaço, como defende o geógrafo David Harvey (2014).

#### **4. Bases para uma representação visual das controvérsias**

Ao entender que a controvérsia “revela a arquitetura e o social de uma forma muito dinâmica; precedentes e comunidades, protestos políticos e temas de interesse. Os atores nunca aparecem sozinhos, mas em uma rede” (YANEVA, 2012, p. 60, tradução nossa)<sup>8</sup>, aplicamos a cartografia da controvérsia para estudar arquitetura, cidade, sob a perspectiva do cidadão que se enxerga como ator nas transformações do espaço urbano.

Dessa forma, foi realizado um mergulho nos ambientes comunicacionais da controvérsia escolhida: por meio de uma investigação netnográfica, recorre-se a sites, matérias jornalísticas, fotos, documentos públicos digitalizados, grupos em redes sociais, entre outros espaços, para traçar os limites da controvérsia, seus principais atores, fatos e marcadores temporais. Para delinear a extensão da nossa controvérsia, o levantamento netnográfico – entendido como método de observação a partir da inserção em comunidades, nesse caso, digitais – sobre o assunto foi de 2013, quando a prefeitura confirmou o recebimento da verba do PAC Pavimentação para construção de Via Expressa entre as pontes da Capunga e da Torre, e 2017, quando a assinatura da ordem de serviço por parte do prefeito Geraldo Júlio autorizou as obras do Parque Capibaribe no local. Nesta etapa, foram coletadas matérias jornalísticas publicadas na imprensa local: reportagens, notas e notícias dos três principais jornais locais (Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco), mas também de veículos como o Leia Já e o portal PorAqui de jornalismo hiperlocal<sup>9</sup>. Também coletamos informações do site do Inciti/UFPE e do site da Prefeitura do Recife, do grupo de Facebook mantido pela Associação por Amor às Graças. De cada um dos ambientes citados foram coletados os conteúdos mais significativos para a reconstituição dos acontecimentos.

---

<sup>8</sup> “displays the design and the social in a very dynamic way; design precedents and communities, political protests and design concerns. The actors never appear alone but in a network” (YANEVA, 2012, p. 60).

<sup>9</sup> Disponível em: <https://poraqui.com/gracas/>

---

Conforme destacam teóricos da área, as ferramentas digitais são fortes aliadas do método da cartografia da controvérsia, conferindo a rastreabilidade às relações sobretudo nas controvérsias de larga escala. Entretanto, como sabemos, a dimensão e a natureza do nosso objeto – uma questão urbana que tem como foco a relação face-a-face, a vivência espacial do bairro, reuniões presenciais, etc. – demandam também uma abordagem metodológica *off-line*. Por isso, partimos para uma segunda etapa de entrevistas em profundidade. Nesta etapa, foram escolhidos atores-rede que, nas etapas anteriores, revelaram-se estratégicos para a dinâmica da rede. Foram realizadas 12 entrevistas com a Prefeitura do Recife-URB (Norah Neves e Rubia Campelo), Prefeitura do Recife-SMAS (Cida Pedrosa e Romero Pereira), o Inciti/UFPE (Roberto Montezuma, Luiz Vieira, Raquel Meneses e Circe Monteiro), a Associação por Amor às Graças (Lúcia Moura, Fernanda Costa e Múcio Jucá), além do consultor de empresas Francisco Cunha, que atuava como uma espécie de conselheiro do prefeito durante o período.

No esforço de representação, exploramos os grafos, distribuídos nos cinco anos analisados. Para que reproduzir as relações em grafos, utilizamos a ferramenta Gephi<sup>10</sup>. Apesar de ser utilizada para renderizar bases de dados maiores e mais complexas, a ferramenta permite que os usuários importem suas próprias matrizes de associações e possui qualidades como personalização e produção de grafos inteligíveis.

No nosso caso, para extrair um mapa relacional da nossa controvérsia, nos baseamos nos dados levantados na coleta para elaborar as cinco matrizes que reproduziram as relações entre os principais atores-rede identificados. Cada matriz representa uma fase da controvérsia, sendo esses recortes de tempo representativos das mudanças significativas para o projetos. Cabe explicitar que os vértices dos nossos grafos correspondem aos atores-rede enquanto as relações entre os referidos atores-rede correspondem às arestas. Às relações foram conferidos os seguintes pesos: 1 para repulsão, 10 para neutralidade, 20 para ligações institucionais/busca por diálogo e 40 para concordância. Para garantir legibilidade ao grafo, aplicamos o layout Force Atlas 2 (“force-directed layout algorithm” amplamente utilizado no Gephi para redes de 10 a 10 mil nós), ativamos o modo “prevent overlap” para que não houvesse sobreposição de nós, trabalhamos o *scaling* em 100 e aplicamos a modularidade. Esta última, por sua vez, nos

---

<sup>10</sup> Software de análise visual de dados que permite ao usuário construir uma representação gráfica com estruturas, formas, cores. Mais em: <https://gephi.org/features/>

ajudou a visualizar melhor os *clusters* ao aplicarmos às ligações uma partição por cores diferentes de acordo seu peso: vermelho para repulsão, branco para neutralidade, azul para relações institucionais e verde para concordância. Vale dizer usamos linhas brancas para as ligações neutras, elas não ficassem visíveis no nosso grafo – dessa forma elas impactam na distribuição espacial dos nós da rede, mas não atrapalham a visualização.

Na análise visual de redes, *clusters* são definidos como regiões formadas por muitos nós compactados juntos e cercados por áreas com uma densidade muito mais esparsa (...) uma vantagem especial da análise visual de redes é que ela permite observar padrões globais e configurações locais no mesmo espaço visual (VENTURINI et al, 2019, s/p, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Os grafos devem nos revelar parâmetros, distâncias, surgimento de novos atores e desaparecimento de outros, espaços de densidade a serem interpretados por nós à luz do contexto já apresentado da nossa controvérsia, assim como tem sido feito por pesquisadores como Tommaso Venturini e Mathieu Jacomy, bem como nos estudos de desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo<sup>12</sup>.

Aqui, recorrendo à natureza aberta da cartografia da controvérsia, reforçamos nossa abordagem metodológica recorrendo à Análise de Conteúdo (AC) de Lawrence Bardin (2004), enquanto “conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Trata-se de método empírico, ferramenta abrangente e particularmente útil para estudos que primam pela transversalidade de temáticas do campo teórico com o campo prático, possuindo funções que podem coexistir de forma complementar. O método realiza-se por meio da organização em torno de três polos: pré-análise; exploração do material; e, finalmente, o tratamento dos resultados através de inferência e interpretação (BARDIN, 2004). No nosso caso, no que diz respeito a esse último polo, os dados levantados na netnografia somados às entrevistas transcritas foram fundamentais para a apreensão dos significados dos conteúdos, dos grafos gerados e da interligação ao contexto que se inserem.

O analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. (...) Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após o tratamento) é a primeira etapa

---

<sup>11</sup> “In VNA clusters are defined as regions that gather by many nodes closely packed together and surrounded by areas with a much sparser density (...) it is a distinctive advantage of VNA that it allows observing global patterns and local configurations in the same visual space” (VENTURINI et al, 2019, s/p).

<sup>12</sup> Mais informações em: <https://www.labic.net>



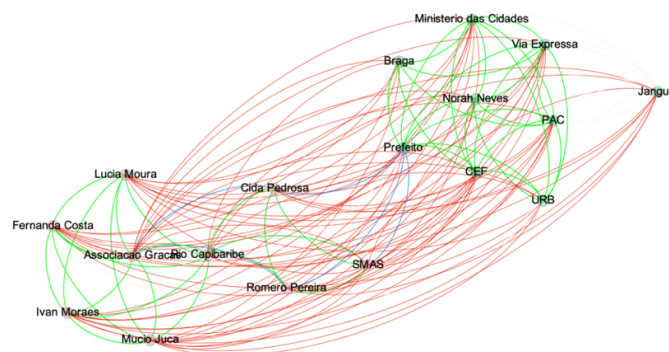
necessária e se a interpretação (a significação concedida a essas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (BARDIN, 2011, p. 45).

A ideia aqui, como faremos no próximo capítulo, é buscar os significados aparentes e/ou implícitos dos signos (mapas, imagens) e das narrativas (matérias, entrevistas), expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados.

## 5. Análise visual da rede e sua dinâmica

A partir dos grafos obtidos via Gephi, conforme metodologia detalhada anteriormente, fizemos uma análise de como se deram as associações, identificamos os *clusters* formados e buscamos investigar quais agenciamentos contribuíram para o desfecho da nossa controvérsia. Mais especificamente, nesta análise, nos debruçamos sobre o papel dos moradores das Graças e seus mecanismos de articulação enquanto expressão do exercício do direito à cidade. Aqui poderemos por meio de uma análise de conteúdo levantado na coleta, interpretar os fatos e a rede.

Figura 15 – Grafo produzido no Gephi, controvérsia das Graças, março de 2013

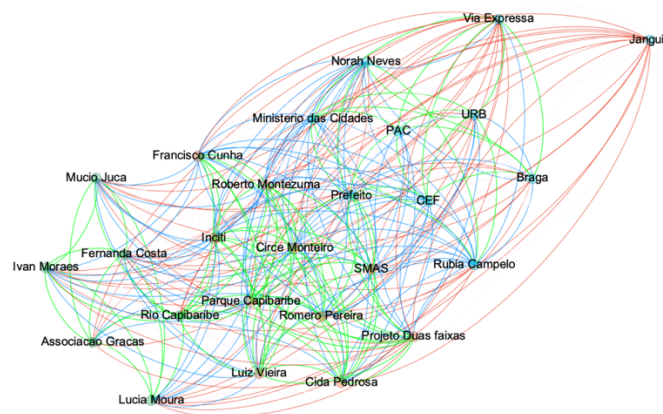


**Fonte:** Autora

Tendo como referência texto publicado no site da Prefeitura do Recife, em março de 2013, em que era mencionado o projeto de Via Expressa com quatro faixas e o valor captado via PAC Pavimentação para o referido projeto, o primeiro grafo nos introduz à controvérsia. Note-se que as linhas vermelhas representam repulsão, as azuis os vínculos

institucionais ou busca por diálogo e as verdes concordância. Dessa forma, o grafo nos permite identificar dois clusters básicos: o dos moradores mais abaixo, junto com o Rio Capibaribe, e os representantes da prefeitura com mais afinidade com a comunidade, seguidos, mais um pouco acima, à direita, dos atores-rede da prefeitura mais relacionados à Via Expressa, bem como os próprios atores-rede diretamente relacionados a eles neste momento, o PAC Pavimentação, Caixa Econômica Federal (CEF), URB, Ministério das Cidades. Longe de todos, encontra-se o empresário Janguê Diniz, proprietário da Uninassau – que ocupa diversos prédios no bairro, incluindo um no trecho da margem. Neste ponto lembramos que “dissent is a key feature of a controversy” (YANEVA, 2012) e já podemos localizá-lo – o dissenso - nessa rede, a partir da polarização.

Figura 16 – Grafo no Gephi, controvérsia das Graças, maio de 2014

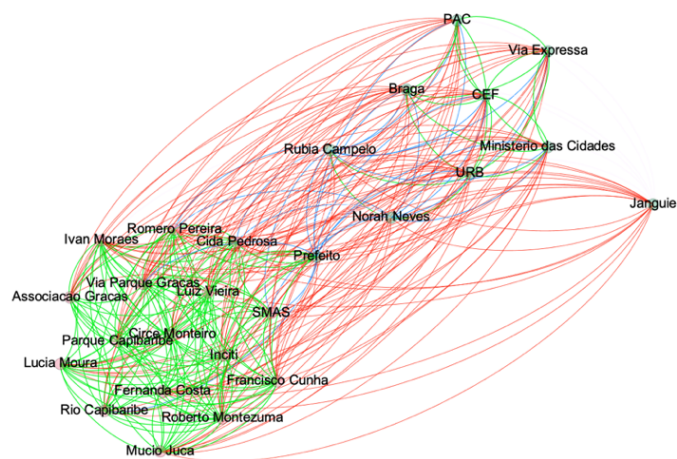


**Fonte:** Autora

Já no final de 2013, o projeto do Parque Capibaribe capitaneado pela Secretaria do Meio Ambiente do Recife (SMAS), também na Prefeitura do Recife, começava a se tornar realidade e os moradores já se mobilizar. Entre a contratação do Parque e a apresentação à sociedade, entretanto, e a partir das primeiras manifestações dos moradores, já nesse momento foi identificada a necessidade de repensar o projeto das quatro faixas. Como forma de resolver o impasse, foi solicitado ao Inciti/UFPE, responsável pelo desenvolvimento técnico do Parque Capibaribe, que buscasse uma alternativa intermediária que adotasse o conceito do Parque, mas correspondesse às características de mobilidade e pavimentação demandadas pelos financiadores.

Como recorte de 2014, portanto, temos o mês de maio, que vem após o lançamento oficial do Parque Capibaribe e também após a apresentação da versão do Parque com duas faixas para carro, como resgatou posteriormente o morador das Graças Ivan Moraes, em postagem realizada em 24 de setembro de 2014<sup>13</sup>. Nesse ponto, o Parque e seus atores humanos já podem ser vistos como atores-rede, mais próximos aos moradores pela abertura de um diálogo, que aliás, está representado pelo grande número de ligações em azul que identificamos no grafo. Notamos também ainda uma forte presença de linhas vermelhas, representando a discordância entre os atores.

Figura 17 – Grafo produzido no Gephi, controvérsia das Graças, junho de 2015



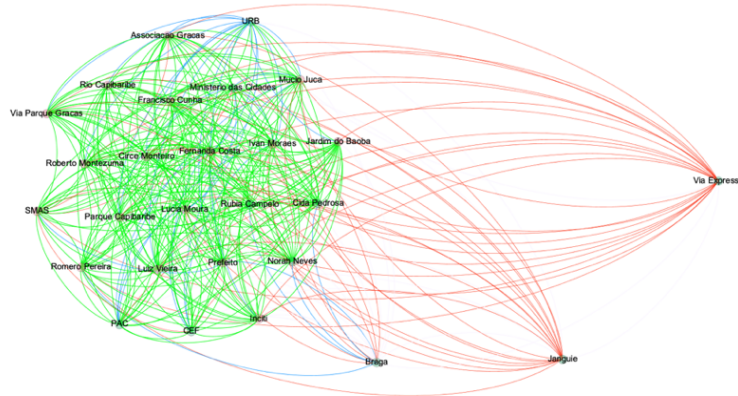
**Fonte:** Autora

Passada a fase de maior tensionamento, de rejeição à primeira alternativa apresentada, os agenciamentos entre os moradores do bairro, o Inciti/UFPE e a SMAS seguiram avançando ainda em 2014, buscando o aprimoramento do projeto de acordo com os anseios dos moradores. A discussão avançou durante os meses seguintes, marcados por reuniões técnicas, assembleias, audiências com o prefeito, etc. O resultado desse movimento, para a nossa rede é o surgimento de uma nova proposta alternativa, que em junho de 2015 já visualmente aparece dentro de um dos *clusters* existentes. Dessa vez, o projeto foi fruto do envolvimento direto dos moradores nas discussões técnicas – o que nos remete ao conceito *práxis* (prática social) no sentido adotado tanto por Lefebvre

<sup>13</sup> Disponível aqui: <https://www.facebook.com/groups/poramorasgracas/permalink/766525293403484/>

(2001) quanto por Certeau (1994). Neste momento, a proposta apresentada pela Prefeitura finalmente havia sido aprovada pelos moradores.

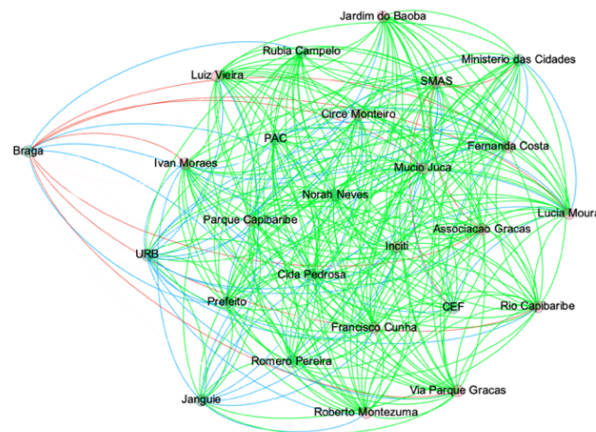
Figura 18 – Grafo produzido no Gephi, controvérsia das Graças, junho de 2016



**Fonte:** Autora

No nosso quarto recorte temporal, agora em junho de 2016, já passamos pela aprovação final dos moradores e pelo consenso ao menos público da URB (fevereiro de 2016) quanto à opção do município pelo Parque Capibaribe para a região. Aqui é importante destacar o papel do prefeito, importante nó desta rede na solução dos impasses políticos internos e na controvérsia como um todo. No momento representado no grafo, a equipe da URB já havia ido ao Ministério das Cidades defender a mudança do projeto e voltou para o Recife com uma resposta positiva (março de 2016). A CEF, por sua vez, também aprovou o novo projeto. Portanto, todos esses atores-rede que antes se encontravam em oposição ao *cluster* em torno da Via Parque das Graças, no quarto grafo da nossa controvérsia já surgem em nova posição. Além disso, esse novo grafo nos permite notar um novo ator-rede na nossa controvérsia: o Jardim do Baobá, primeira etapa do Parque Capibaribe a ficar pronta, conferindo materialidade ao projeto.

Figura 18 – Grafo produzido no Gephi, controvérsia das Graças, junho de 2017



**Fonte:** Autora

Chegamos, assim, ao último recorte temporal da nossa controvérsia, agora em junho de 2017, quando da assinatura da ordem de serviço que autorizou as obras no trecho de quase um quilômetro entre as Pontes da Torre e da Capunga. Neste momento, o nosso grafo apresenta um agrupamento de nós onde as forças estão quase que totalmente equilibradas em concordância indicada pelas linhas verdes. Pela primeira vez, vemos Janguê em movimento de aproximação com relação ao restante dos atores-rede envolvidos, a partir da doação de terreno para obra do Parque Capibaribe.

Lembramos que as disputas raramente se dão de maneira dicotômica, e sim rizomática, como nos parece claro no caso exposto. Nesse sentido, considerando as forças que atuaram nessa rede – inclusive o próprio poder de decisão do prefeito e a participação de agentes econômicos como Janguê – notamos que a insistência por parte da Associação por Amor às Graças em dialogar com o poder público em busca de um desejo coletivo, se inscreve no cenário em que o cidadão se reconhece enquanto agente fundamental nos processos de urbanização e na mudança de visão para a cidade em que vive, bem como remete à noção de “urbanização produzida”, que democratiza as decisões em torno de que tipo de urbanismo deve ser produzido, onde e como (HARVEY, 2014).

## 6. Considerações finais

---

As negociações e articulações, empreendidas por meio de táticas híbridas desses atores-rede da sociedade civil organizada, ficaram evidentes durante todo o desenrolar da controvérsia das Graças. Ao percorrer a trajetória de elaboração e análise dos nossos cinco grafos, em ordem cronológica, conseguimos enxergar as ligações sendo feitas e desfeitas ao longo do tempo. Por meio do presente trabalho, portanto, destacamos a cartografia da controvérsia e a análise visual de redes como caminho metodológico possível para a compreensão de fenômenos sociais – esta última vem ganhando espaço exatamente porque “their visual ambiguity mirrors some of the empirical ambiguity of the phenomena they represent” (VENTURINI et al, 2019, s/p).

Movimentos sociais, comunidades de cidadãos, sociedade civil organizada navegam entre a hegemonia de grandes grupos econômicos, políticos e comunicacionais e o vasto oceano de possibilidades e propagabilidade das redes, além dos caminhos tradicionais de articulação. Conseguir visualizar a rede em que se inserem é um poderoso instrumento para navegar pelas disputas de forma mais assertiva e potente. Portanto, diante do exposto, acreditamos que as ferramentas da cartografia da controvérsia, mobilizadas de forma experimental no presente trabalho, têm potencial de contribuir ainda mais profunda e precisamente com o debate em torno da participação social na produção de espaço público. Sobretudo no que diz respeito às potencialidades de ferramentas e à multidisciplinaridade da abordagem, a cartografia da controvérsia parece ser apropriada para darmos conta de objetos cada vez mais complexos e plural como cidade, participação, comunicação, direitos.

### Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3a ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORTIZO, Laura. **Cartografando Controvérsias Urbanas: o Parque Capibaribe, o bairro das Graças e o exercício do direito à cidade no Recife**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). Recife, 2020.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. **Ocupe como utopia: Um ensaio sobre a noção de rede e o Caso Estelita**. Esfera, 2015.

---

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2014.

LAHNI, C. LACERDA, J. **Comunicação para a cidadania: objetos, conceitos e perspectivas.** São Paulo : INTERCOM, 2013. 290 p.: il. – (Coleção GP’S : grupos de pesquisa; vol.9) Disponível em: <  
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/07e38cc6d42fedfe468e937bd2eb9470.pdf>>  
> Acesso em outubro de 2020.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-rede.** Salvador: Edufba, 2012.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria do ator-rede e cibercultura.** São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção ATOPOS).

TURINO, Flávia. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em revista**, v.4, n.1. 2008. p. 28-40. Disponível em <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3147/2819>> Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

VENTURINI, T. JACOMY, M. JENSEN, P. **What do we see when we look at networks: na introduction to visual network analysis and force-directed layouts.** 2019. Disponível em: <  
<https://arxiv.org/pdf/1905.02202.pdf>> Acesso em janeiro de 2020.

VENTURINI, T. JACOMY, M. PEREIRA, D. **Visual Network Analysis.** 2015. (em fase de elaboração) Disponível em: <  
[http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2014/08/Venturini-Jacomy\\_Visual-Network-Analysis\\_WorkingPaper.pdf](http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2014/08/Venturini-Jacomy_Visual-Network-Analysis_WorkingPaper.pdf)>  
Acesso em janeiro de 2020.

VENTURINI, Tommaso. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, SAGE Publications, 2012, 21 (7), p.796-812. Disponível em: <  
<https://hal-sciencespo.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/1064260/filename/venturini-building-on-faults.pdf>> Acesso em abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Diving in Magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, SAGE Publications 2010, p. 258-273.

YANEVA, Albena. **Mapping controversies in architecture.** University of Manchester, UK: Ashgate. 2012.